

Uma redescoberta: traduções de Fernando Pessoa

Augusto de Campos*

Keywords

José Luiz Garaldi, *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*, translations, Fernando Pessoa.

Abstract

In 1990, translations made by Fernando Pessoa which were found by José Luiz Garaldi in the *Biblioteca Internacional de Obras Célebres* were the subject of a striking journalistic piece published in the *Folha de São Paulo*. This article, followed by the note that the author included for future publication as a book, rescues the story of a not widely known discovery.

Palavras-chave

Teosofia, Rosacruzianismo, movimentos de vanguarda, Fernando Pessoa.

Resumo

Em 1990, as traduções de Fernando Pessoa encontradas por José Luiz Garaldi (na *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*) foram objeto de uma chamativa matéria publicada na *Folha de São Paulo*. Este artigo, acompanhado da nota que o autor lhe apôs para futura publicação em livro, resgatam a história de uma descoberta pouco conhecida.

* Destacadíssimo poeta, tradutor e ensaísta brasileiro. Em 1952, com seu irmão Haroldo de Campos e Décio Pignatari, deu início ao movimento da Poesia Concreta.

¹ Uma versão quase idêntica deste texto (que foi revisto pelos editores de *Pessoa Plural*) foi publicada no jornal *Folha de São Paulo*, com o título alterado para “Traduções trazem marca do estilo de Fernando Pessoa”, em 26 de maio de 1990. Acompanhadas das biografias que constaram do volume da *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*, as traduções pessoais foram apresentadas com

José Luiz Garaldi, a quem se deve a recuperação de algumas preciosidades perdidas do nosso acervo literário, como o *Álbum de Pagu*, por mim editado, a partir de 1975 (revista *Código*, n.º 2), e a coleção completa da *Revista de Antropofagia*, que ensejou a sua publicação fac-similar, por iniciativa de José Mindlin, no mesmo ano, acaba de fazer mais uma notável descoberta. Compulsando exemplares de uma antiga publicação, *A Biblioteca Internacional de Obras Célebres*, editada, sem data expressa, nas primeiras décadas do século XX, em 24 volumes.¹ Garaldi deparou-se com cinco traduções de poesia, cujo autor é nem mais nem menos que Fernando Pessoa.²

Trata-se dos poemas “Godiva”, de Alfred Tennyson, “Sobre um Retrato de Dante por Giotto”, de James Russell Lowell, “Lucy”, de William Wordsworth, “A Última Rosa do Verão”, de Thomas Moore, e “Barbara Frietchie”, de John Greenleaf Whittier, publicados nos volumes VI (pp. 2807-2809), VII (pp. 3534-3535), XVII (pp. 8272-8273 e 8330) e XX (pp. 10215-10218) da coletânea. Todos os poemas vêm precedidos de uma pequena nota biográfica sobre o autor traduzido. As versões, dos poemas de Lowell, Wordsworth e Whittier consignam expressamente: tradução de Fernando Pessoa. As demais não ostentam o nome do autor; todavia, a colaboração do poeta é registrada e correlacionada às respectivas páginas no índice geral integrante do volume XXIV.

Não há referências nominais a tais trabalhos, que eu saiba, nem na obra conhecida de Pessoa, nem em qualquer estudo sobre ela. Mas, além da indicação de autoria constante da publicação, a linguagem poética, a própria escolha dos poetas — todos, românticos, e de língua inglesa, e alguns, como Wordsworth e Tennyson, frequentemente visitados pelos escritos críticos de Pessoa —, e a época da edição, tudo converge para confirmar a paternidade do grande poeta português sobre esses textos, até aqui ignorados.

¹ Uma versão quase idêntica deste texto (que foi revisto pelos editores de *Pessoa Plural*) foi publicada no jornal *Folha de São Paulo*, com o título alterado para “Traduções trazem marca do estilo de Fernando Pessoa”, em 26 de maio de 1990. Acompanhadas das biografias que constaram do volume da *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*, as traduções pessoais foram apresentadas com grande destaque, em duas páginas centrais, no Caderno “Letras”, editado por Marco Chiaretti, a quem revelei e propus a matéria.

² Das páginas iniciais do volume I consta, apenas, Sociedade Internacional; segue-se menção às cidades de Lisboa, Rio de Janeiro, São Paulo, Londres e Paris. Arrolam-se, como Redatores Principais, vários nomes de diretores de Bibliotecas Nacionais de diversos países, entre os quais Gabriel Victor Dumonte Pereira, da Biblioteca Nacional de Lisboa (que Garaldi verificou ter falecido em 1911); Manuel Cícero Peregrino de Silva, da Biblioteca Nacional do Rio; Menéndez y Pelayo (1856-1912), da Biblioteca Nacional de Madrid; José Enrique Rodo (1872-1917), da Biblioteca Nacional de Montevideo; e Ricardo Palma (1833-1919), da Biblioteca Nacional de Lima. Entre os colaboradores, também discriminados, figuram José Verisaimo, Vicente de Carvalho, João Ribeiro, Teófilo Braga e Carolina Michaëlis.

Ocorrem, inclusive, coincidências estilísticas com outras traduções de Fernando Pessoa, como a que se verifica entre os versos da tradução do poema de Elisabeth Barrett Browning, “Catarina a Camões”, divulgada na *Obra Poética* (José Aguilar Editora, 1965):

Devagar, quando, do palácio ao pé,
Cavalgares, como antes, suave e rente,
E ali vires um rosto que não é
O que vias ali antigamente,

e estes, da tradução de “Lucy”, de Wordsworth, recém-descoberta:

Uma violeta de uma pedra ao pé,
Meio oculta ao olhar!
— Bela como uma estrela quando é
A única a brilhar !

Por outro lado, João Gaspar Simões (*Vida e Obra de Fernando Pessoa*) revela que, entre 1910 e 1911, estabeleceu-se em Lisboa um inglês, “Mr. Killoge” [leia-se: Warren F. Kellogg], que pretendia organizar “uma grande antologia em língua portuguesa dos maiores prosadores e poetas mundiais. Fernando Pessoa foi contratado para traduzir os poetas de língua inglesa” (1950: I, 128-129). Segundo Simões:

[...] o trabalho do jovem poeta agradou tanto ou tão pouco que o diretor da publicação o convidou a acompanhá-lo à Inglaterra, onde resolvera concluir os trabalhos editoriais da edição monumental. Fernando Pessoa recusou, porém, o convite. Em seu lugar foi um dos seus condiscípulos do Curso Superior de Letras [Armando Teixeira Rebelo]”

(1950: I, 129)

As versões estampadas na voluminosa coletânea da *Biblioteca Internacional de Obras Celebres* tinham, sem dúvida, um vínculo com o projeto de Kellogg.

A relevância da descoberta de Garaldi é tanto maior quando se constata serem pouco numerosas as traduções da lavra de Pessoa, entre as quais estão as esplêndidas versões de “O Corvo”, “Annabel Lee” e “Ulalume”, de Edgar Allan Poe, todas da década de 1920.

Pessoistas e pessoanos ficarão, sem dúvida, fascinados com mais esta revelação da inesgotável arca de belezas do poeta e certamente se ocuparão do tema com maior detalhe e profundidade. Aqui, ante a prioridade da divulgação das traduções, cabe apenas um pequeno registro, com cumprimentos à pesquisa livre e sem patrocínios de José Luiz Garaldi pela nova contribuição ao patrimônio da nossa língua.

O leitor sensível notará, desde logo, a criatividade com que responde este Pessoa jovem — em 1910 tinha apenas 22 anos — aos textos originais, por ele assimilados, nos melhores momentos, ao seu característico *peçoês*.

Em “Godiva”, de Tennyson, já na primeira estrofe chamam a atenção os fortes versos, recarregados de aliterações coloquiais: “Esperando o comboio de Coventry, | Entre guardas e grooms olhei, da ponte,” (original: “I waited for the train at Coventry | I hung with grooms and porters on the bridge,”). E as linhas entrecortadas: “Não só nós, frutos últimos do tempo, | Que num girar da roda, do passado | Rimos,...”. Resíduos da semântica pessoana, que não podem deixar de evocar aquele nosso conhecido “comboio de cordas” que “nas calhas da roda | Gira a entreter a razão”. Mais adiante, achados como o do verso aliterativo: “Brincou-lhe com o brinco de brilhantes,” que não encontra equivalência na fonte: “Then fillip’d at the diamond in her ear;”. E linhas límpidas como:

Vestida de pureza foi, e o ar
Parecia escutar em torno dela,
E o vento mal soprava, de receio.

Then she rode forth, clothed on with chastity;
The deep air listen’d round her as she rode,
And all the low wind hardly breathed for fear.

De “Sobre um Retrato de Dante por Giotto”, de Lowell, destaco as linhas ultrapessoanas:

Ai! o que segue destemidamente
Os ditames de uma alma de poeta
Vagueará, sem que o force o mundo insciente,
Em exilada solidão completa.

Um cotejo estrito com o original revela soluções marcantes, como aquela em que, a partir de uma interpretação ruidista (“ruas”, “rumor”) da linha correspondente, projeta a palavra “flor” em primeiro plano, num corte certo:

Atravessas das ruas o rumor
Protegido de ouvi-lo pela flor
Que ela te deu e a tua mão levanta,

Thou movest through the jarring street,
Secluded from the noise of feet
By her gift-blossom in thy hand,

Em “A Última Rosa do Verão” de Moore, os versos curtos e singelos (“Tão breve eu vá quando | Os que amo fugirem, | E do anel do amor | As jóias caírem”,

etc.) apontam para outros, de um Pessoa maior e mais maduro (“Há no firmamento | Um frio lunar.”), e para outros versos que iria desenvolver, nessa pauta, o poeta de “Leve, breve, suave”.

“Barbara Frietchie”, de Whittier, tem algo do épico alento de *Mensagem*, e especialmente do poema “O Mostrengo”, com o qual se aparenta pela dicção e pelo ritmo. Versos como:

“Matem, querendo, esta pobre velha,
Mas poupem o simb’lo da pátria”, disse,
E agitou a bandeira estrelada e vermelha.
[...
“Quem erguer contra essa velhice
Uma arma, morre como um cão...
Marchar!” o chefe disse.

parecem um ensaio estilístico destes outros, tão mais essenciais:

“De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?”
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,
Três vezes rodou imundo e grosso,
“Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?”
E o homem do leme tremeu, e disse:
“El-Rei D. João Segundo!”

O terceto final da tradução se enriquece com os cortes abruptos e as aliteraões em “t” e “tr”, que, por sinal, também se insinuam em “O Mostrengo”, onde o verbo “tremar” é dominante (“E o homem do leme disse, tremendo,”; “E o homem do leme tremeu, e disse,”):

A paz e a ordem e a beleza
Sejam a eterna auréola tua,
Símb’lo da lei e da grandeza;

E sobre as tuas estrelas, tente
Quem quiser quanto queira, tremam
As estrelas do céu eternamente.

Verdadeira transfiguração qualitativa do original, onde se lê, em dísticos mais pobres:

Peace and order and beauty draw
Round thy symbol of light and law;

And ever the stars above look down
On thy stars below in Frederick town!

Finalmente, em “Lucy”, talvez a mais realizada dentre essas versões, eu sublinharia as três estrofes iniciais e as duas últimas; um “tour de force” tradutório dos celebrados versos de Wordsworth...:

A slumber did my spirit seal;
I had no human fears:
She seemed a thing that could not feel
The touch of earthly years.

No motion has she now, no force;
She neither hears nor sees;
Roll'd round in earth's diurnal course,
With rocks, and stones, and trees.

...metamorfoseadas neste belo epitáfio, em português paradoxalmente mais conciso que o próprio inglês:

Um sono o meu espírito fechava
P'ra receios humanos:
Ela par'cia cousa já não 'scrava
Do contacto dos anos.

Já não ouve nem vê, nem força nua
Ou movimento encerra;
Arrastada co'a rocha e a erva sua
Na rotação da terra.

A par da liberdade transcriativa, acentue-se a fidelidade da tradução à estrutura ritmo-imagética, em plena harmonia com a concepção do poeta, que mais tarde afirmaria (em inglês, traduzido por Jorge Rosa):

Um poema é uma impressão intelectualizada, ou uma idéia convertida em emoção, comunicada a outros por meio de um ritmo. Este ritmo é duplo num só, como os aspectos côncavo e convexo do mesmo arco: é constituído por um ritmo verbal ou musical e por um ritmo visual ou de imagem que lhe corresponde internamente. A tradução de um poema deve, portanto, conformar-se absolutamente (1) à ideia ou emoção que o constitui, (2) ao ritmo verbal em que essa ideia ou emoção é expressa: deve conformar-se em relação ao ritmo interno ou visual, aderindo às próprias imagens quando possa, mas aderindo sempre ao tipo de imagem.

Foi baseado neste critério que fiz as minhas traduções portuguesas de “Annabel Lee” e “Ulalume” de Poe, que traduzi, não pelo grande valor intrínseco que possuem, mas por serem um repto permanente aos tradutores.

(Pessoa, 1967: 75)

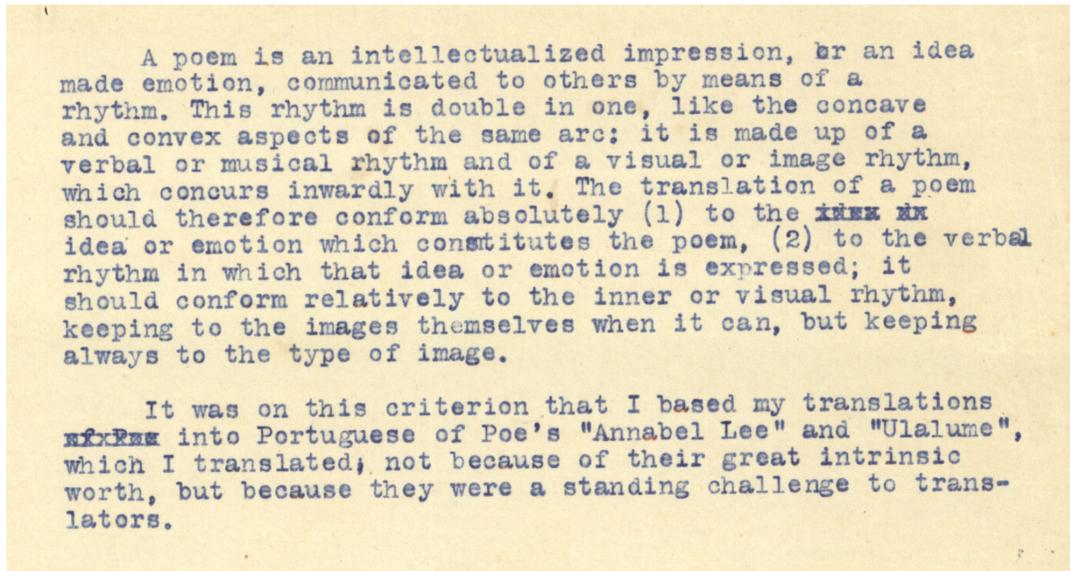


Fig 1. BNP/E3, 18-57.

É um prazer pré-ouvir Pessoa nas “personae” de poetas tão diferentes entre si, e descobrir, nesses primeiros exercícios de estilo, as sementes e os signos da arte daquele que, antes que tradutor de poesia universal, foi o mais universal dos poetas de língua portuguesa da nossa Era. Universal. Transportuguês. Pessoa.

*

Nota para esta edição. Seis anos após a publicação deste artigo e das cinco traduções inéditas que pela primeira vez foram nele estudadas, saiu o livro do crítico e pesquisador português Arnaldo Saraiva, *Fernando Pessoa, Poeta-Tradutor de Poetas: os poemas traduzidos e o respectivo original* (Porto: Lello, 1996), reunindo todas as traduções e esboços de tradução até então encontrados. É o que de mais completo há sobre o assunto. Não poderia A. Saraiva deixar de consignar a matéria publicada na *Folha* e a descoberta do livreiro e pesquisador José Luis Garaldi, e o faz, ainda que não sem algum ressaibo por ter ela sido obra de brasileiros... A este artigo, no qual não só anuncio como analiso em primeira mão as traduções de Pessoa, alude ligeiramente o crítico português. Em seu livro, que as inclui, conta que, vindo a consultar em 1995, num sebo de Porto Alegre, os 24 volumes da Biblioteca, verificou a existência de mais outras três traduções, cuja autoria não fora explicitada no índice da coletânea, mas o fora no próprio corpo da obra — de Quevedo, de Gôngora e de Rudyard Kipling, além de uma de Elizabeth Barrett Browning, “Catarina a Camões”, já conhecida e divulgada. Além disso, entende Saraiva que devam ser aceitas como de Pessoa as traduções anônimas de poemas de Garcilaso de la Vega (5 sonetos), Quevedo, Shelley e Robert Browning que

aparecem na coleção da Biblioteca. Não tendo, eu próprio, tido a oportunidade de consultar diretamente as milhares de páginas dos seus 24 tomos, nem sendo propriamente um especialista na obra de Pessoa, faltam-me maiores dados e informações para uma opinião definitiva. Saraiva justifica, com bons argumentos, as suas conclusões. Acho, no entanto, problemática a atribuição de todos os poemas não-assinados ao poeta português, já que não era o único a ter traduções publicadas naqueles volumes. É de lembrar que — como o próprio Saraiva assinala — Pessoa escreveu que não via “nenhuma graça” nas traduções do castelhano para o português, só lhe parecendo dignas de atenção as “difíceis”, feitas “de uma língua para outra completamente diferente” (in Lopes, 1993: 221)³. De qualquer modo, devo dizer que as versões do espanhol pouco acrescentam à obra tradutória de Pessoa, seja pela facilidade seja, no caso da longa e tediosa “Epístola ao Conde de Olivares”, de Quevedo, pela escassa qualidade e pela turgidez estilística da tradução que faz enrijecer ainda mais o original. Chego a pôr em dúvida a atribuição da “Epístola” quevediana ao poeta, tão pouco significativo me parece o resultado da tradução. Só uma pesquisa comparativa e estilística mais apurada poderá confirmá-la. Das outras traduções de autoria expressa, apenas a de Elizabeth Barrett Browning faz jus à mestria de Pessoa, que compensa com a beleza do refrão camoniano a menor concisão rítmica e o empobrecimento das rimas do tradutor. Das traduções anônimas, as mais atribuíveis, por expressivas e “pessoanas”, me parecem ser “A uma Cotovia”, de Shelley e “A Cidade e o Campo”, de Robert Browning, que tem seus laivos de Álvaro de Campos, ambas traduções “difíceis”. Por fim, de um grande autor como Pessoa interessa tudo, mas não se pode superestimar a sua produção tradutória, que, bem considerada, é pouca e desigual, com algumas extraordinárias realizações, e outras menos exitosas, produto talvez de necessidades e imposições de sobrevivência. Alguns belos momentos se encontram nas cinco traduções descobertas por José Luis Garaldi, um nome que deve ser lembrado, com gratidão, por pessoístas e pessoanos. Foi quem puxou o fio da meada.

³ Cf. esta passage do texto original: “The only interest in translations is when they are difficult, that is to say, either from one language into a widely different one, or from a very complicated poem though into a closely allied language. There is no fun in translating between, say, Spanish and Portuguese. Anyone who can read one language can automatically read the other, so there seems also to be no use in translating. But to translate Shakespeare into one of the Latin languages would be an exhilarating task. I doubt whether it can be done into French; it will be difficult to do into Italian or Spanish; Portuguese, being the most pliant and complex of the Romance languages, could possibly admit the translation” (BNP/E3, 14¹-99^r).

Biblioteca Internacional de Obras Célebres

OS SERÕES DE JOÃO DE AGUALVA

2807

— Pois nós fazíamos parte do reino que se chamou reino de Leão; quando digo nós, quero dizer de Coimbra para cima, porque, entre Coimbra e Lisboa, umas vêzes era-se mouro e outras vêzes christão, mas de Lisboa para baixo não havia duvida nenhuma, era tudo moirama.

— Mas então, vamos a saber, isto era já Portugal ou não era Portugal? perguntou o Zé Caneira.

— Ora com que tu vens! Sabes o que era Portugal? Era, para assim dizer, o Minho. Havia Portugal e havia o condado de Coimbra. Portugal chamava-se assim porque na foz do Douro havia uma terra que se chamava *Cale*, que depois se mudou em Gaia, e vai defronte mesmo á beira do rio, começou a levantar-se outra terra que se chamou *Portus Cale* ou *Porto de Cale*. Esta terra é o que se chama hoje simplesmente *Porto*, e o nome de *Porto de Cale*, que se foi mudando em *Portugal*, dava-se a tudo o que ficava para o norte do Douro. E aqui está, meus amigos, como Portugal deve o seu nome ao Porto, exactamente como depois lhe veio a dever a liberdade.

GODIVA

POR TENNYSON

Lord Alfredo Tennyson nasceu em 1809 e falleceu em 1892. As suas primeiras poesias foram publicadas com as de seu irmão Carlos, sob o titulo *Poems of Two Brothers (Poestas de dois irmãos)* em 1827. *Timbuctoo*, em 1829, ganhou a medalha de ouro do chancellor. Em 1830 publicou *Poems, chiefly Lyrical (Poesias, principalmente lyricas)*, e em 1832 a sua primeira grande collecção de poesias. Em 1847 appareceu *The Princess*, em 1850 *In Memoriam*. Entre as restantes obras, as principaes são: *Maud*, 1855; *Idylls of the King (Idílios do rei)*, 1859; *Enoch Arden*, 1869; *Queen Mary (A Rainha Maria)*, 1875; *Harold*, 1876; *Tiresias*, 1885; *Locksley Hall*, 1886; *The Foresters (Os Couteiros)* e *The Death of Oenone (A Morte de Oenone)*, 1892.

*Esperando o comboio em Coventry,
Entre guardas e grooms olhei, da ponte,
Os campanarios três, e ahi dei fórma
A' antiga lenda da cidade assim:
Não só nós, frutos ultimos do tempo,
Que, num girar de roda, do passado
Rimos, e que falamos de injustiças*

Fig. 2. "Godiva", de Alfred Tennyson,
volume VI (p. 2807).

Biblioteca Internacional de Obras Célebres

2808

GODIVA

E direitos, amamos bem o povo
 E odiamos vê-lo sobretributado.
 Mais fez e suportou e dominou
 Essa mulher de ha annos mil, Godiva,
 Esposa desse duro conde, que era
 Senhor de Coventry: porque, quando elle
 Lançou impostos na cidade, e as mãis
 Com os filhos vieram e clamaram
 «Se pagamos, ha fome», procurou-o
 Onde entre cães sósinho, passeava
 No salão, com a barba ondeando vasta
 E mais vasto o cabello, e ahi falou-lhe
 Das lagrimas do povo— «se elles pagam
 Ha fome»; e elle fitou-a entrepasmado,
 E respondeu— «não sacrificarias
 A' causa destes uma dôr de dedos
 Decerto?» E ella disse— «morreria.»
 Elle riu e jurou por Pedro e Paulo,
 Brincou-lhe com o brinco de brilhantes,
 Depois— «sim, sim, sim, falas». «Ai, disse ella;
 «Mas provai-me o que ha que eu não faria.»
 De um peito como a mão de Esaú rude
 Disse elle então— «se queres que retire
 O imposto que lancei, cavalga nua
 Através da cidade» e, desdenhoso,
 Com largos passos entre os cães safu.

Só, então, as paixões da sua alma,
 Como ventos que mudam e se opõem
 Durante uma hora se entreguerream
 Té que venceu a compaixão. Mandou
 Um arauto annunciar, trombeteando,
 A dura condição, mas que ella iria
 Para isentar o povo; e pelo amôr
 Que lhe tivessem, té ao meio dia
 Ninguem pisasse a rua, nem olhasse,
 Passando ella, nem ninguem safsse,
 Fechadas todas as portas e janellas.

Então no seu mais intimo aposento,
 As aguias presas desligou do cinto,
 Dom do conde, parando a cada instante,
 Qual lua no verão meio-encoberta:
 Ondeando até ao joelho desprende

Fig. 3. "Godiva", de Alfred Tennyson,
 volume VI (p. 2808).

Biblioteca Internacional de Obras Célebres

GODIVA

2809

O cabelo ; depois, despiu-se á pressa,
E, deslizando pela escadaria,
Como um raio de sol furtivo, foi
De columna a columna até chegar
Ao portão, e ao cavallo ajaezado
Em púrpura com o ouro dos brazões.

Vestida de pureza foi, e o ar
Parecia escutar em torno de ella,
E o vento mal soprava, de receio.
As pequenas cabeças do repuxo
Tinham para ella olhos, o rafeiro
Ladrando enrubescia-a, o trotear
Do cavallo pulsava-lhe em horrôr
Nas veias; a cegueira das paredes
Era cheia de fendas, e de cima
Apinhadas, as telhas espreitavam;
Mas ella tudo suportou, até
Que por fim viu nos campos, através
Das goticas arcadas na parede
O branquear da flôr do sabugueiro.

Voltou então, vestida de pureza:
E um vilão, lama desagradecida,
Proverbio ignobil a vindouros annos,
A mêdo verrumando a porta, olhou,
Mas os seus olhos, inda sem ter visto,
Murcharam-lhe nas orbitas, caindo
Ante elle. Assim quem guarda os nobres d'alma,
Apagou um sentido mal-usado,
E ella seguiu, insciente: então, a um tempo,
Com doze badaladas sonoras,
De cem tórres voou o meio-dia
Lentamente, e ella só então entrou
No quarto, d'onde, de corôa e vestes
Nobres, saindo em bem, e ao encontro
Indo do seu senhor, tirou o imposto
E ganhou para si um nome eterno.

Os tiranos não seriam tais se os povos o não merecessem. — *Marquês de Maricá.*

Fig. 4. "Godiva", de Alfred Tennyson,
volume VI (p. 2809).

Biblioteca Internacional de Obras Célebres

3534

SOBRE UM RETRATO DE DANTE

SOBRE UM RETRATO DE DANTE POR GIOTTO

POR JAIME RUSSELL LOWELL

(Trad. de Fernando Pessoa)

Jaime Russell Lowell, poeta e literato americano, nasceu em Cambridge, Massachusetts a 22 de Fevereiro de 1819. Formou-se em 1838 na Universidade de Harvard e foi admitido á advocacia em 1840, mas nunca advogou. Começou a escrever em 1843 pela causa abolicionista e publicou os *Biglow Papers* no *Courier* de Boston de 1846 a 1848. *The Vision of Sir Launfal* (*A Visão de Sir Launfal*) e *Conversations on Some of the old Poets* (*Conversações sobre alguns dos antigos Poetas*), a sua primeira obra critica, são de 1845. *A Fable for Critics*, (*Fabula para Criticos*), é de 1848. Viajou na Europa em 1851, e em 1855 succedeu a Longfellow na cadeira de linguas modernas em Harvard. Tornou o viajar para se aperfeiçoar e veio a ser considerado uma autoridade nas linguas italiana e francêsa antiga e na poesia e arte provençal. Foi o primeiro director do *Atlantic Monthly*, e depois, juntamente com Charles Eliot Norton, de 1863 a 1872, do *North American Review*. Publicou em 1867 a segunda serie dos *Biglow Papers*, sobre a guerra civil. É autôr de varios outros volumes de prosa e verso. Foi ministro em Espanha de 1877 a 1880. Faleceu a 12 de Agosto de 1891.

E este és tu, que pálido fitaste,
 Com calmo e frio olhar imarcessível,
 As almas torturadas, e notaste
 Cada pena, e passaste, inda impassível,
 Salvo quando p'ra trás ousou lançar
 Teu coração um proibido olhar,
 E viu Francesca, como uma criança,
 Montar serena teu corcel que avança
 E com mão firme o seu orgulho dominar?

Com palpebras descidas, fronte calma,
 E olhar remoto, que interior divisa
 Da bella Beatriz errando a alma
 Em ilhas frescas da marinha brisa,
 Atravessas das ruas o rumor,
 Protegido de ouvi-lo pela flôr
 Que ella te deu e a tua mão levanta,
 Essa palma que vem da Terra Santa; —
 Aqui não ha sinal da ruina e sua dôr.

Fig. 5. "Sobre um Retrato de Dante por Giotto", de James Russell Lowell, volume VII (p. 3534).

Biblioteca Internacional de Obras Célebres

SOBRE UM RETRATO DE DANTE

8535

Mas ha alguma cousa que contorna
 Teus labios, e do teu fado é profeta,
 A sombra quando o eclipse inda não torna
 Do negro disco a escuridão completa;
 Alguma cousa que banir-te quer
 Dos homens e vis fados do seu ser,
 Ainda que Florença não houvesse
 Fechado as suas portas, e tivesse
 Deixado a tua eterna dôr de te tolher.

Ai! o que segue destemidamente
 Os dictames de uma alma de poeta
 Vagueará, sem que o force o mundo insciente,
 Em exilada solidão completa;
 Mais que as muralhas de Florença forte
 A muralha que o exclue, até que a morte
 O solte, de amisade e lar, e faz
 Que a sua oração seja a pedir paz
 Como a tua, ó guerreiro altivo contra a sorte!

A realidade da vida é cada um dar até o fim o que foi criado para dar, o bombyx dando a seda, a ovelha dando a lã... Trabalham em vão os que trabalham pensando na gloria. — *Joaquim Nabuco.*

Pode sêr facil fundar uma republica; mas não é facil fazêr republicanos, e infeliz da republica que se apoia nos votos da ignorancia, do egoismo e da paixão! — *Horacio Mann.*

Só reconheço como grandes homens os que prestaram grandes serviços ao genero humano. — *Voltaire.*

Uma mulher de coração prosaico, que não é uma poesia viva, uma harmonia para elevar o homem, educar a criança, santificar constantemente e enobrecêr a familia, falhou a sua missão, e não terá acção alguma mesmo no que parece vulgar. — *Michelet.*

A marcha da sciencia é como a nossa na planicie do deserto: o horisonte foge sempe. — *Graça Aranha.*

Fig. 6. "Sobre um Retrato de Dante por Giotto", de James Russell Lowell, volume VII (p. 3535).

Biblioteca Internacional de Obras Célebres

8272

LUCY

LUCY

POR GUILHERME WORDSWORTH

(Trad. de Fernando Pessoa)

Guilherme Wordsworth, poeta inglês, nasceu em Cockermonth a 7 de Abril de 1770 e foi educado em Hawkshead e na Universidade de Cambridge. Percorreu a França e a Suíça em 1791-1792, e as suas impressões da Revolução estão descritas no *Prelude*. Em 1798 apareceram *Lyrical Ballads* e em 1814 *The Excursion*. Entre os outros seus poemas contam-se *The White Doe of Rylstone* (A Corça Branca de Rylstone), 1815; *Peter Bell* e *The Waggoner* (O Carreiro), 1819; *Sonnets* (1838). Morreu a 23 de Abril de 1850.

De ínvias fontes ao pé vivia ella,
E de escusos caminhos;
Ninguem dava louvores á donzela,
Muito poucos, carinhos:

Uma violeta de uma pedra ao pé,
Meio oculta ao olhar!
— Bela como uma estrêla quando é
A única a brilhar!

Viveu só. Pouca gente saberia
Quando foi o seu fim;
Mas está morta, morta, e — oh agonia! —
A diferença p'ra mim!...

Três anos, noite e dia, cresceu ella,
E a Naturêza disse: «Flôr mais bela
Nunca a Terra antes tinha;
Tomarei para minha esta Criança,
E farei della, com subtil mudança
Uma Senhora minha.

«A' minha predilecta impulso e lei
Saberei ser, e ao pé de mim farei
Que ella possa sentir
Em céu e terra, na floresta ou mar,
Um Supremo Poder para a animar
Ou para a dirigir.

Fig. 7. "Lucy", de William Wordsworth,
volume xvii (p. 8272).

Biblioteca Internacional de Obras Célebres

LUCY

8273

«Ella alegre será como a donzela
Que corre louca pelo prado, ou péla
Fria montanha aérea;
Della será a fresca e simples alma,
Cheia da grave e silenciosa calma
Das cousas da matéria.

«As nuvens dar-lhe-ão a sua graça,
E o vime a sua, quando o vento passa;
Nem lhe será escuro
Na propria tempestade o ritmo informe
Que em belêza o seu corpo virgem forme
Por um influxo obscuro.

«As estrêlas da noite ser-lhe-ão caras,
O ouvido inclinará p'ra as fontes claras,
E onde a aragem passe
E os cantos dos rivaes riachos misture-os;
E a belêza nascida dos murmúrios
Passar-lhe-á para a face.

«E vitaes sentimentos de alegria
Dar-lhe-ão a graça desenvolta e esguia,
E á tez suave matiz;
Darei a Lucy estes pensamentos,
E viveremos limpidos momentos
Nesta estancia feliz.»

E a Naturêza fez como falou. —
Mas ah! quão cedo Lucy nos deixou!
Morreu, deixou-me cá
Este prado, esta calma que me dóe,
A memoria de tudo quanto foi
E nunca mais será.

Um sono o meu espirito fechava
P'ra receios humanos:
Ella par'cia cousa já não 'scrava
Do contacto dos anos.

Já não ouve nem vê, nem força nua
Ou movimento encerra;
Arrastada co'a rocha e a erva sua
Na rotação da terra.

Fig. 8. "Lucy", de William Wordsworth,
volume xvii (p. 8273).

Biblioteca Internacional de Obras Célebres

A ÚLTIMA ROSA DO VERÃO

POR TOMAS MOORE

Tomás Moore, poeta irlandês, nasceu em Dublin a 28 de Maio de 1779. Entrou para o Collegio da Trindade da Universidade de Dublin em 1794, e em 1799 publicou em Londres, uma tradução do Anacreonte. De 1803 a 1804 viajou pela America. As suas relações de amizade com Byron começaram em 1811, ano em que Moore casou com uma actriz. Morreu em Bromham, perto de Devizes, a 25 de Fevereiro de 1852. Nas suas obras poeticas estão incluidas: *Lalla Rookh* (1817); *Odes and Epistles (Odes e Epistolas)*, e *Irish Melodies (Melodias Irlandêsas)*, 1806; e em prosa *Life of Shertdan (Vida de Sheridan)*, 1825; *Life of Byron (Vida de Byron)*, 1830.

E' a ultima rosa
Do verão, sózinha ;
Nenhuma outra resta
Formosa e vizinha,
Nenhuma irmã sua
Ou botão de rosa
Responde aos suspiros
Que exala, formosa.

Não quero deixar-te
Sózinha a florir :
Tuas irmãs dormem,
Vai tambem dormir.
Por isso eis que espalho
Tuas folhas no chão,
Onde as irmãs tuas
Já mortas estão.

Tão breve eu vá quando
Os que amo fugirem,
E do anel do amor
As joias caírem.
Caidos os que ama
No sono profundo,
Quem habitaria
Sózinho este mundo ?

Fig. 9. "A Última Rosa do Verão", de Thomas Moore,
volume XVII (p. 8330).

Biblioteca Internacional de Obras Célebres

JU-JUTSU

10215

o mais nobre, o mais confortavel e o mais higienico do mundo. E' certo que nalgumas cousas, as modas nacionaes mudaram durante a era de Meiji muito mais do que nas eras anteriores; mas isto foi em grande parte devido á abolição da casta militar. Em relação aos feitios, a mudança tem sido insignificante; quanto a côres, tem sido enorme. O gosto delicado da raça ainda aparece nas belas tintas, côres e desenhos daquelles tecidos de seda ou de algodão fabricados para vestuario. Mas as tintas são menos vivas, as côres mais carregadas, do que as usadas pela ultima geração;—o traje nacional, em todas as suas variedades, sem exceptuar mesmo os trajos vivos das crianças e raparigas novas, é muito mais sobrio de tons do que nos tempos feudaes. Todas as maravilhosas tunicas antigas, de côres resplandecentes desapareceram da vida publica: só as poderemos observar agora nos teatros, ou naquelles surpreendentes livros de estampas que reflectem as belas e fantasticas visões do drama classico japonês, e nas quais o Passado se conserva.

BARBARA FRIETCHIE

POR JOÃO GREENLEAF WHITTIER

(Trad. de Fernando Pessoa)

João Greenleaf Whittier, poeta, reformador e escritor norte-americano, nasceu em Haverhill, Massachusetts, a 17 de Dezembro de 1807, e morreu a 7 de Setembro de 1892. Era membro da Sociedade dos Amigos (Os Quakers), um dos chefes do movimento anti-esclavagista, secretario da Sociedade Americana contra a Escravatura e editôr do *Pennsylvania Freeman*. Entre os seus livros de versos estão *In War Time (Em tempo de guerra)*, 1863; *Snow-Bound (Presos pela neve)*, 1866; *Maud Müller* e *The Tent on the Beach (A barraca no Cabo)*, 1867.

Saíndo brancas dos verdes prados,
Nessa manhã de Setembro fresca
De vastos trigaes alourados,

Dos montes de Maryland verde-escuros
Estão as torres de Frederick
Cingidas pelos verdes muros.

Fig. 10. "Barbara Frietchie", de John Greenleaf Whittier, volume xx (p. 10215).

Biblioteca Internacional de Obras Célebres

10216

BARBARA FRIETCHIE

Em torno a ellas ondeam mares
De hortas e quintas e pomares
Aroma de fruta nos frescos ares.

Belos quais jardins encantados
Aos olhos da horda dos rebeldes
Famintos e cansados,

Naquella manhã de outono novo
Quando dos montes cingindo o burgo
Desceram Lee e o rebelde povo.

Desceram dos montes, vago bando,
Até á cidade, a cavalo e a pé,
Em longa fila coleando.

Quarenta bandeiras com suas estrêlas,
Quarenta bandeiras sob o céu vasto,
Com suas vermelhas listras belas.

Ondeavam ao vento da madrugada,
E o sol a prumo do meio-dia
Nem uma só encontrou hasteada.

A velha Barbara Frietchie então,
Dobrada ao peso de noventa anos,
Mais firme que quantos no burgo estão,

A velha bandeira na mão tomou,
Que homens haviam arreado,
E em sua casa a levantou —

Na alta janela da trapeira,
Para aos rebeldes mostrar que ainda
Havia alguém fiel á bandeira.

Pela rua acima em longa linha
Subia a força dos rebeldes;
Stonewall Jackson á testa vinha.

De sob o chapéu desabado
Olhou p'rá direita, olhou p'rá esquerda,
E viu o estandarte alevantado.

Fig. 11. "Barbara Frietchie", de John Greenleaf Whittier,
volume xx (p. 10216).

Biblioteca Internacional de Obras Célebres

BARBARA FRIETCHIE

10217

Alto! gritou, e estacou a larga
Fila poeirenta dos rebeldes...
Fogo! e soou a descarga.

Partiu a janela da trapeira,
Quebrou-lhe vidros e caixilho,
Furou e rasgou a bandeira.

Antes que ella caísse, tomou-a
Barbara Frietchie outra vêz,
E outra vêz alevantou-a;

Do parapeito debruçada,
Ella a agitou e desfraldou
Com alma leal e mão ousada.

«Matem, querendo, esta pobre velha,
Mas poupem o simb'lo da patria», disse,
E agitou a bandeira estrelada e vermelha.

Vaga sombra de dôr no instante,
Súbita onda de vergonha,
Subiu ao rosto do comandante;

O que nelle havia de nobre e honesto
Acordou para a vida ao vêr
Da velha dona a palavra e o gesto.

«Quem erguer contra essa velhice
Uma arma, morre como um cão...
Marchar!» o chefe disse.

Nas ruas de Frederick, todo o dia,
De hostes que passam e que repassam
Dos passos sóa a cadencia fria:

E, todo o dia, sobre a cidade
Ondeou, por cima dos rebeldes,
Aquella bandeira em liberdade.

Seu pano rôto vinha e ia
Na onda leal dos ventos francos
Cuja rudeza a acaricia,

Fig. 12. "Barbara Frietchie", de John Greenleaf Whittier,
volume xx (p. 10217).

Biblioteca Internacional de Obras Célebres

10218

BARBARA FRIETCHIE

E o sol poente, entre monte e monte,
Mandava-lhe uma auréola suave,
Um beijo de luz do horizonte.

Barbara Frietchie já passou,
Já não se vê hoste rebelde
Onde ella a alta bandeira hasteou.

Honra ao seu nome! e em seu nome sobre
A tumba de Stonewall uma lagrima
Caia, porque elle foi então nobre.

E sobre a campa della não
Cesses de ondear ao livre vento,
Bandeira de Liberdade e União.

A paz e a ordem e a belêza
Sejam a eterna auréola tua,
Simb'lo da lei e da grandeza;

E sobre as tuas estrêlas, tente
Quem quiser quanto queira, tremam
As estrêlas do céu eternamente.

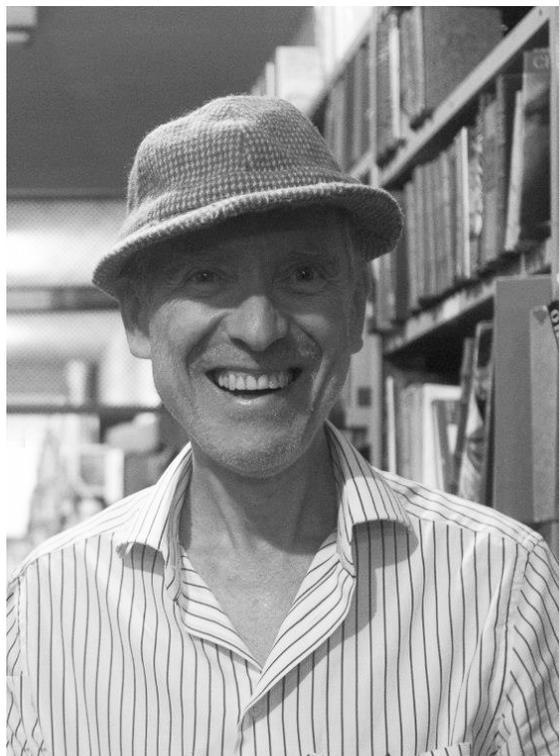
ROSA-CHÁ

POR ANTONIO NOBRE

Vim do bosque, minha amada!
E trouxe (vê lá que ideia),
Uma flôr toda orvalhada
Para a nossa humilde ceia.

Sabe Deus com que trabalho
Achei entre os malmequeres
Esta chavena de orvalho
Para nós tomarmos... Queres?

Fig. 13. "Barbara Frietchie", de John Greenleaf Whittier,
volume xx (p. 10218).



**Fig. 14. José Luiz Garaldi
em sua livraria**

Bibliografia

LOPES, Teresa Rita (1993) (coord.). *Pessoa Inédito*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

PESSOA, Fernando (1967). *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*. Textos estabelecidos por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho; tradução dos textos ingleses, Jorge Rosa. Lisboa: Ática.

SARAIVA, Arnaldo (1996). *Fernando Pessoa, Poeta-Tradutor de Poetas: os poemas traduzidos e o respectivo original*. Porto: Lello.

SIMÕES, João Gaspar (1950). *Vida e Obra de Fernando Pessoa (História de uma geração)*. Lisboa: Livraria Bertrand.